

TRABALHO DE CAMPO SOBRE DÊIXIS¹

TRABAJO DE CAMPO SOBRE LA DEIXIS

FIELDWORK ON DEIXIS

William F. Hanks*

Traduzido por Érica Marciano de Oliveira**

RESUMO: Este artigo esboça uma abordagem para o trabalho de campo sobre a semântica e a pragmática da dêixis. As expressões dêíticas, como as expressões em inglês *'this, that, here, there'* ('este, aquele, aqui, lá'), são tipicamente usadas para individualizar objetos referenciais em relação à base indicial do contexto de fala. Fundamentado em pesquisas de longo prazo sobre a língua maia iucateque, este artigo argumenta que a base da dêixis não é a contiguidade espacial do referente, mas o acesso (perceptivo, cognitivo, social) que os participantes têm ao referente. Para determinar corretamente os significados convencionais dos dêíticos em qualquer língua, o trabalho de campo deve se centrar: nas oposições paradigmáticas entre as expressões dêíticas, em comentários metalinguísticos dos dêíticos pelos falantes nativos e no uso comum em uma variedade de circunstâncias socialmente estruturadas. Argumenta-se que, como em outros tipos de pesquisa etnográfica, a elicitação deve ser realizada na língua alvo, a fim de se ter acesso aos esquemas contextuais através dos quais os falantes apreendem o contexto. Corretamente analisada, a dêixis referencial revela-se altamente sistemática, fácil de seguir no trabalho de campo e central para a pragmática.

PALAVRAS-CHAVE: Dêixis. Trabalho de campo. Interpretação indicial. Etnografia. Pragmática emancipatória.

¹ **Tradução do artigo:** HANKS, William F. Fieldwork on deixis. *Journal of Pragmatics*, v. 41, n. 1, p. 10-24, 2009. A tradução foi cordialmente concedida, tanto pela editora do artigo original, Elsevier, que hospeda o *Journal of Pragmatics* (<https://doi.org/10.1016/j.pragma.2008.09.003>), como pelo autor. Agradeço a revisão técnica da tradução ao professor Daniel do Nascimento e Silva, da Universidade Federal de Santa Catarina. Agradeço a revisão fonética da tradução à professora Raquel Gomes Chaves, da Universidade Estadual do Paraná. E agradeço a leitura atenciosa da tradução à professora Edair Maria Görski, da Universidade Federal de Santa Catarina.

* **William F. Hanks** é professor titular (Distinguished Professor) em Antropologia Linguística na Universidade da Califórnia, Berkeley. Ele recebeu o Doutorado em Linguística e Antropologia pela Universidade de Chicago, em 1983, e lecionou na Universidade de Chicago (1983-1996) e na Universidade Northwestern (1996-2000). Foi professor visitante em várias instituições no exterior, incluindo a École des Hautes Études en Sciences Sociales e a Universidade de Copenhague. Sua especialidade é a língua e cultura maia. Ele tem publicado amplamente sobre o uso rotineiro da língua, prática ritual e xamanismo, além da história colonial de Iucatã, México.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: ericamarciandoliveira@gmail.com.

RESUMEN: Este artículo esboza un enfoque para el trabajo de campo sobre la semántica y la pragmática de la deíxis. Las expresiones deícticas, como las expresiones en inglés ‘this, that, here, there’, se utilizan normalmente para individualizar objetos referenciales en relación con la base indexical del contexto de habla. Con base en una investigación a largo plazo sobre la lengua maya yucateca, este trabajo argumenta que la base de la deíxis no es la contigüidad espacial del referente, sino el acceso (perceptivo, cognitivo, social) que los participantes tienen al referente. Para determinar correctamente los significados convencionales de los deícticos en cualquier lengua, el trabajo de campo se debe centrar en: las oposiciones paradigmáticas entre las expresiones deícticas, los comentarios metalingüísticos sobre los deícticos por parte de los hablantes nativos y el uso común en una variedad de circunstancias socialmente estructuradas. Se argumenta que, al igual que en otros tipos de investigación etnográfica, la elicitación debe llevarse a cabo en la lengua meta para poder acceder a los esquemas contextuales a través de los cuales los hablantes apprehenden el contexto. Al ser analizada correctamente, la deíxis referencial resulta ser bastante sistemática, fácil de seguir en un trabajo de campo y fundamental para la pragmática.

PALABRAS CLAVE: Deíxis. Trabajo de campo. Interpretación indexical. Etnografía. Pragmática emancipadora.

ABSTRACT: This paper outlines an approach to fieldwork on the semantics and pragmatics of deixis. Deictic expressions, such as English ‘this, that, here, there,’ are typically used to individuate referential objects in relation to the indexical ground of utterance context. Drawing on long-term research on Yucatec Maya, the paper argues that the basis of deixis is not the spatial contiguity of the referent, but rather the access (perceptual, cognitive, social) that participants have to the referent. In order to properly determine the conventional meanings of deictics in any language, fieldwork should focus on the paradigmatic oppositions among deictic expressions, on metalinguistic glosses of deictics by native speakers, and on ordinary usage under a variety of socially structured circumstances. It is argued that, like other kinds of ethnographic research, elicitation should be conducted in the target language in order to gain access to the contextual schemas through which speakers apprehend context. Properly analyzed, referential deixis proves to be highly systematic, tractable to fieldwork, and central to pragmatics.

KEYWORDS: Deixis. Fieldwork. Indexical construal. Ethnography. Emancipatory pragmatics.

Nas últimas décadas, assistimos a um aumento de pesquisas sobre pragmática e campos relacionados, incluindo notadamente antropologia linguística, sociolinguística, ciência cognitiva e estudos dos gestos. Este artigo focalizará na indexicalidade, e especialmente nos índices referenciais, como ‘este/esse, aquele, aqui, ali, agora, então’ e outros do gênero. Esses itens são chamados de “índices”, “*shiffters*” ou “dêiticos”, a partir de sua função de apontar. Embora a indexicalidade seja formidavelmente abstrata e tenha sido formalizada na semântica e na filosofia, meu objeto de estudo são os índices das línguas naturais – e apenas alguns deles, para ser mais preciso². Os índices que comentarei são itens lexicais e construções usadas para individualizar objetos acessíveis no contexto de fala. Pode-se argumentar que nomes próprios, termos naturais, variantes estilísticas e marcadores de evidencialidade são índices, mas eles estão além do foco deste artigo. Se eu disser: “Este pódio”, individualizo o objeto diante de mim; “Esta caneta” (enquanto a seguro), individualizo o objeto na minha mão, “Sente-se ali” (enquanto aponto), individualizo um lugar. Em cada caso, o composto da expressão dêítica em uso e o gesto designa o objeto de que estou falando, separando-o de todos os outros objetos possíveis ao situá-lo no entorno imediato³.

1 O PROBLEMA COM A DÊIXIS

É justo perguntar por que os pesquisadores em pragmática devem se preocupar com a deíxis. Afinal de contas, tais formas representam uma pequena parte da gramática e da pragmática de qualquer língua, e parecem relativamente simples, pelo menos inicialmente. Na versão tradicional, ‘este/isto’ é usado em referência a objetos que estão próximos ao locutor e ‘aquilo’ é usado para

² A literatura sobre indexicalidade é extensa. Ver Bickel (1997), Fillmore (1997), Diessel (1999), Enfield (2003a, b), Haviland (1993, 1996), Himmelmann (1996), Ide (2001), Ide e Yoshida (1999) para versões recentes. Cf. Benveniste (1974), Bühler (1990), Peirce (1955), Morris (1946), Jakobson (1971), Silverstein (1976), Evans (1982), Sweetser e Fauconnier (1996), Ochs (1992) e Shanker (2001).

³ A versão mais curta deste artigo foi apresentada como uma palestra na Décima Conferência Internacional de Pragmática (9-14 de julho de 2007, em Gotemburgo, Suécia). Gostaria de agradecer à liderança da Associação Internacional de Pragmática por me convidar e pelo seu trabalho na promoção da pesquisa internacional e interdisciplinar sobre pragmática. Para comentários sobre o texto escrito, gostaria de agradecer a Sachiko Ide e dois revisores anônimos. Os membros do grupo Pragmática Emancipatória também fizeram comentários valiosos sobre a versão oral do artigo.

aqueles que não estão próximos ao locutor. ‘Aqui’ e ‘lá’ seriam mais ou menos paralelos. Além disso, é natural que as línguas tenham formas cuja função é designar objetos no espaço de fala, já que os locutores têm corpos e produzem conversas reais no espaço e no tempo. A dêixis emerge como uma forma semanticamente mínima de orientação espacial.

Mas, se escavamos um pouco abaixo da superfície, a concretude aparente do contexto de fala se dissolve, e surge uma imagem bastante diferente de dêixis. Em primeiro lugar, verifica-se que as línguas têm sistemas dêíticos muito variados, como foi demonstrado de forma convincente pelo trabalho realizado pelo Instituto Max-Planck de Psicolinguística e por aqueles e aquelas associados/as a ele. Aqui teríamos de incluir minimamente Levinson (2003), Haviland (1993, 1996), Kita (2003), Senft (2001), Enfield (2003a, 2003b), Bickel (1997), Burenhult (2003), Wilkins (1999), Bohmeyer e Stolz (2006), bem como minha própria pesquisa que se beneficiou do diálogo com esse grupo. Da mesma forma, Himmelmann (1996), Diessel (1999), Goodwin (2000) e Silverstein (1976) estão entre as pessoas que olharam de perto para o funcionamento real dos dêíticos em língua natural e suas relações com o contexto, o gesto e o discurso. Se casos do inglês ou das línguas indo-europeias são típicos das línguas do mundo é uma questão empírica. Um conjunto de evidências em rápido crescimento indica que o espectro de variação é consideravelmente maior do que se poderia esperar, e isso, por sua vez, lança uma nova e inquietante luz sobre as descrições recebidas das línguas europeias também.

Em segundo lugar, quando contrastamos os dêíticos em termos de proximidade espacial ou temporal, o que realmente queremos dizer? Se um objeto está distante, mas claramente visível, ele é “proximal” para dêixis? E se for uma memória recente ou algo que se aproxima em alta velocidade de fora do campo de visão, como um trem que se aproxima? Estas também são questões empíricas para as quais são necessárias evidências, e a questão empírica é: como as formas linguísticas são usadas e compreendidas por falantes nativos sob as circunstâncias correspondentes?

Em terceiro lugar, quando dizemos que um dêítico indica que seu objeto está próximo ou em estado “proximal”, qual é a base ou o *origo*, a partir do qual a proximidade deve ser medida? A visão tradicional sustenta que o *origo* dos índices é o locutor, o chamado “eu-aqui-agora”. Isso se encaixa com a noção de senso comum de que a maioria dos enunciados é produzida por indivíduos, e quando digo ‘este/isto’ ou ‘aqui’, quero dizer o que está próximo de mim. Essa suposição, que chamo de “egocentrismo”, anda de mãos dadas com a ideia de que a proximidade física é o núcleo do significado dêítico. A tácita imagem de fundo aí representa as falas dêíticas como atos de uma pessoa que nomeia objetos distribuídos, de acordo com a proximidade relativa ao locutor. No entanto, é uma questão empírica se o *origo* de um determinado enunciado, de uma determinada forma linguística ou de um conjunto de formas de uma dada língua é de fato o locutor, o interlocutor ou algum outro aspecto do contexto. Se a imagem espacialista egocêntrica fosse toda a história, haveria de fato um interesse limitado do tema para a pragmática. Felizmente, essa não é toda a história e ela pode até não ser tão central assim.

Aqui reside tanto o grande interesse quanto a grande dificuldade do tema. Acontece que as expressões indiciais são complicadas, e é difícil determinar como elas realmente funcionam em diferentes línguas. A imagem espacialista egocêntrica provou ser extremamente robusta e resistente à revisão, no entanto ela é francamente inadequada como base para uma pesquisa pragmática. Entender dêixis do ponto de vista de um locutor solitário no espaço físico é como analisar uma partida de boxe, um tango, um jogo de pôquer ou uma partida de futebol, olhando apenas para um participante da interação.

No mais básico, o discurso dêítico estabelece uma relação entre um *origo* e um objeto de referência. Assim, ele tem três partes: um foco referencial (o objeto), um *origo* do qual é escolhido (a base indicial) e a relação entre os dois⁴.

As línguas diferem em termos de como elas categorizam as três partes. Objetos de referência dêítica podem ser categorizados por animacidade, gênero, número, forma e assim por diante. A base ou *origo* pode ser o locutor, o interlocutor, a relação entre eles, ou algum outro aspecto do contexto, dependendo do caso. A egocentricidade é apenas um valor em um conjunto de possibilidades. A relação entre *origo* e objeto pode ser espacial, distinguindo, por exemplo, proximidade relativa, inclusão ou orientação. Mas o espaço é apenas uma esfera de contexto. Outras esferas atestadas nos sistemas dêíticos incluem tempo, percepção (tátil, visual, auditiva),

⁴ A abordagem sobre a dêixis resumida nessas observações foi elaborada ao longo de uma série de estudos de maia iucateque (ver HANKS, 1990, 1992, 1993, 1996, 2005, 2007).

memória *versus* antecipação, e o que poderíamos chamar de força do dêitico (apresentativa, diretiva, demonstrativa, referencial, não referencial) (Figura 1).

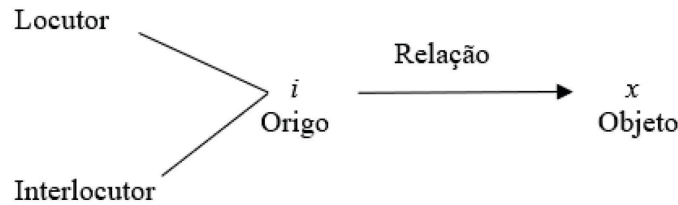


Figura 1: Estrutura relacional da referência dêitica

Além dessas funções, que podem ser convencionalizadas, os dêiticos em uso assumem muitas outras bagagens pragmáticas. Eles tendem a ser muito sensíveis a se o referente é ou não um objeto de conhecimento compartilhado, ou se um ou outro participante tem reivindicação especial sobre o objeto (por autoridade, propriedade, familiaridade habitual). Obviamente, os dêiticos se coarticulam com gestos, que podem ser igualmente complexos, mantendo com eles relações sistemáticas (HAVILAND, 2000; KITA, 2003). Quando nos libertamos das amarras do espaço egocêntrico e realmente olhamos para a dêixis, encontramos um universo de distinções. Essas distinções giram não em torno do espaço, mas em torno dos tipos de acesso que os participantes têm aos objetos de que falam. A pergunta para dêixis não é ‘Onde está o referente?’, mas ‘Como identificamos o referente em relação a nós?’⁵

A sutileza das categorias dêiticas reside no fato de os contextos reais de fala quase sempre envolverem várias dimensões diferentes ao mesmo tempo. Percepção, proximidade, conhecimento prévio e a própria interação em curso são geralmente características simultâneas do contexto. Isso significa que, dada a ocorrência de um dêitico em um contexto real, muitas vezes não podemos dizer o que motiva a escolha do locutor por um dêitico e não por outro. O desafio empírico é descobrir qual é a variação das dimensões e como elas interagem na pragmática real da conversa. Se conseguirmos fazer isso, ganhamos uma janela para a fina estrutura de referência situada e, com ela, a prática da copresença.

Isso me leva à questão do trabalho de campo. Se esperamos contribuir para o estudo da pragmática e uma melhor compreensão de como as línguas se coarticulam com os contextos, como devemos proceder? Se a teoria da dêixis fosse estabelecida e acordada, a questão de como estudá-la no campo poderia ser secundária, embora seja importante. Mas como não é totalmente claro como as línguas naturais realmente configuram as categorias e como elas são usadas sob diferentes circunstâncias, o trabalho de campo é um empreendimento teoricamente tenso. Como o fazemos dependerá do que consideramos ser a estrutura geral das distinções dêiticas e dos contextos relevantes para observá-las.

No restante deste trabalho, quero fazer um breve esboço de vários tipos de dados que se mostraram especialmente produtivos para o estudo da dêixis. Vou fazê-lo usando o exemplo do maia iucateque, uma língua com a qual tenho trabalhado por várias décadas. No cenário mundial, o sistema dêitico iucateque não é especialmente exótico ou elaborado. O que ele mostra é uma variação de distinções categóricas que ultrapassam em muito a imagem padrão, e padrões de uso que revelam aspectos inovadores da prática dêitica. Além das especificidades desta língua, uma descrição aprofundada da dêixis em uma única língua é fundamental se quisermos descobrir como esses elementos realmente funcionam. O pesquisador precisa entender bem o uso comum e ter vários tipos de evidências para gerar e testar hipóteses incisivas.

⁵ Há uma forte afinidade entre a maneira como estou tratando a dêixis e a maneira como DuBois (2007) trata o ‘posicionamento (*stance*)’: tanto a dêixis quanto o posicionamento são relações indiciais que ligam participantes, enunciados e objetos, e ambos desenham o “*footing*”, conforme definido por Goffman (1983). Sobre os fundamentos interativos do enunciado, ver Enfield e Tanya (2007), Goffman (1967, 1972), Goodwin (2000), Goodwin e Goodwin (1992), Goodwin e Heritage (1990), Kendon (1992), Ochs et al. (1996), Rumsey (2003), Schegloff (1987, 1996), Sidnell (2000, 2007) e Wilkins (2006).

A fim de fazer grandes avanços no estudo da dêixis, precisamos de uma pesquisa mais profunda de línguas individuais e famílias de línguas. A pesquisa comparativa e tipológica é fundamental para uma compreensão abrangente, como é o caso da pragmática de modo mais geral. Mas, historicamente, a linguística descritiva consignou essas formas às margens da gramática. Só recentemente começamos a reunir dados relevantes, com precisão suficiente para distinguir entre os tipos de objetos, *origos* e relações que os dêíticos indicam. A comparação tem sido dificultada pela relativa falta de dados adequados e publicados nos quais se possa basear. Mas mesmo quando novos dados comparativos são coletados, há um limite para o que podemos saber sobre a dêixis a partir de uma perspectiva translingüística, especialmente se estamos preocupados com a pragmática real da prática dêítica.

2 PARADIGMAS E CONSTRUÇÕES DÊITICAS EM MAIA IUCATEQUE

O primeiro tipo de evidência de que necessitamos sobre dêixis em qualquer língua é o paradigma central no qual ele é expresso, incluindo demonstrativos nominais, locativos e outros tipos de advérbios, e quaisquer formas especializadas.

Tabela 1: Sinopse de morfemas dêíticos em iucateque (parcial)

Bases		Enclíticos	
hé'e(l)	Ostensive evidential Evidencial ostensivo	-a'	Immediate Imediato
té'el(l)	Locative 'here/there' Locativo 'aqui/lá'	-o'	non-Immediate não-Imediato
way	Locative 'here' Locativo 'aqui'	-be'	Auditory/olfactory Auditiva/olfativa
to(l)	Locative '(out)there' Locativo 'lá fora'	-i'	Anaphoric Anafórica
ti'	Locative [focus] Locativo [foco]	-ti'	Individuated Individuada
bey	Manner 'thus' Maneira/modo 'assim'	-e'	[Topicalizer] [Topicalizador]
le	Definite article Artigo definido		

Tabela 2: Dêíticos lexicais em forma de citação

Ostensivo	Locativo	Nominal	Maneira/Modo
hé'ela'	té'ela'	lela'	beya'
hé'elo'	té'elo'	lelo'	beyo'
hé'ele'	waye'	leti'	bey
hé'ebe'	tolo'	le	
	ti'i'		

Os dêiticos são relativamente sistemáticos em qualquer língua, como são, por exemplo, pronomes, marcadores de caso e distinções de gênero. Eles compõem classes fechadas ou paradigmas nos quais as oposições entre diferentes formas são relativamente fáceis de identificar. Em inglês⁶ *this* ('este/esta/isto') é obviamente oposto a *that* ('aquele/aquela/aquilo') como marcadores de definição, e a *these* ('estes/estas') e *those* ('aqueles/aquelas') em termos de número. Os dêiticos do francês *ici*, *là* e *là-bas* formam uma oposição de três vias, claramente relacionadas a *ceci*, *cela*, *celui-ci*, *celui-là*, *ceux-ci*, *ceux-là* e *voici*, *voilà*. As oposições paradigmáticas entre as formas fornecem uma primeira ordem de evidência a respeito de seus valores funcionais. Em maia iucateque, por exemplo, os dêiticos são em sua maioria palavras bimorfêmicas compostas de uma base e de um dêitico terminal, extraídas de um conjunto fechado de bases e terminais.

2.1. SINOPSE DA DÊIXIS MAIA

A Tabela 1 mostra o inventário de raízes dêiticas em iucateque – deixando de lado os marcadores de pessoa e os advérbios temporais⁷. No lado esquerdo estão as 'bases', que são especificadas para a categoria gramatical (SN, Locativo Adv. etc.) e ocorrem inicialmente no constituinte sintático. À direita estão os enclíticos, que são (em sua maioria) não especificados para a categoria e ocorrem na oração, em posição final da sentença.

A partir das raízes da Tabela 1, o léxico básico é derivado da combinação de bases com enclíticos de acordo com a regra, [uma base + um enclítico]. Se todas as bases da Tabela 1 fossem combinadas livremente com todas os enclíticos, o resultado seria um léxico inicial de 42 formas, mas, de fato, as combinações são severamente limitadas e o conjunto resultante é muito menor. A Tabela 2 mostra o léxico básico de quinze formas de citação. (A Tabela 2 também omite os dêiticos temporal e pessoal).

O que tenho rotulado OSTEV são dêiticos predicativos que são usados não apenas para se referir a objetos, mas para direcionar a atenção do interlocutor para o objeto, de acordo com a modalidade perceptual na qual ele está atualmente acessível. Essas formas e a série análoga de locativos (DLOCs) podem ser ilustradas como na Tabela 3.

⁶ N.T.: Em português, os demonstrativos se configuram, de acordo com a norma padrão, como um sistema ternário: 'este' (para algo próximo ao locutor); 'esse' para algo próximo ao interlocutor; e 'aquele' para algo distante. Essas três formas são flexionáveis em gênero e número. Ao lado dessas, temos 'isto', 'isso' e 'aquilo', formas neutras que só se realizam no singular. No uso da língua, no entanto, verifica-se uma espécie de neutralização, apagando-se, muitas vezes, a distinção este/esse, isto/isso que diferencia o que está próximo do locutor e o que está próximo do interlocutor. Manteremos, ao longo do texto, a tradução de 'this' como 'este/isto', salientando, contudo, essa particularidade do português, cujo uso transita entre um sistema ternário e um binário.

⁷ Esta sinopse da dêixis maia é abreviada de Hanks (2005). Os fonemas consonantais do maia iucateque são: /p, t, k', p', t', k', b, s, x, h, tz, ch, tz', ch', m, n, w, y, l, r/, onde /' / = oclusiva glotal seguinte a uma vogal e a glotalização seguinte a uma consoante, /b/ = plosiva bilabial vozeada, /x/ = fricativa sibilante alveolopalatal não vozeada, /h/ = fricativa glotal não vozeada, /tz(')/ = (ejetiva) africada alveolar não vozeada e /ch(')/ = (ejetiva) africada palatal não vozeada. Os núcleos silábicos são constituídos de combinações de 5 vogais (i, e, a, o, u), 3 tons (alto < > médio [sem acento], baixo < >), duração e glotalização. A duração é indicada pela duplicação de uma vogal, e glotalização é indicada por uma oclusiva glotal intervocálica < >. Os padrões vocálicos canônicos são /i, e, a, o, u/, /ii, ée, áa, óo, úu/, /ii, ée, áa, óo, úu/, /íi, é'e, á'a, ó'o, ú'u/. No entanto, vogais curtas com tons também ocorrem e são ou derivadas por processos gramaticais ou por processos paralinguísticos. Note que a glotalização também é realizada como voz crepitante ou mesmo eliminando a oclusiva glotal completamente. Esse último caso resulta em uma vogal longa com *pitch* descendente de alto a médio, mas permanece distinto da série de tons altos (não glotalizados) /ii, ée, áa, óo, úu/ que se pronuncia de forma variável com *pitch* ascendente ou descendente. As abreviações das categorias gramaticais usadas em glosas interlineares são como seguem: 1 = primeira pessoa, 2 = segunda pessoa, 3 = terceira pessoa, Apro = A- pronome definido, Art = artigo, Bpro = B-pronome definido, Class = Classificador, DMOD = dêitico modal, Fut = futuro, Inc = Incompletivo, Opt = optativo, OSTEV = ostensivo de evidencialidade, pl = plural, Pst = passado, sg = singular.

Tabela 3: Sinopse parcial dos dêiticos em iucateque

Base – TD	Glosa (aproximada)
hé'e(l-) a'	'here it is (tactual) 'aqui está (tátil)
hé'e(l-) o'	'there it is (visual) 'lá está (visual)
hé'e- be'	'there it is (audible) 'lá está (audível)
hé'e(l-) e'	'surely (certain) 'com certeza (certeza)
té'e(l-) a'	'right here (immediate) 'aqui mesmo (imediato)
té'e(l-) o'	'there (non-immediate) 'lá (não imediato)
to(l-) o'	'out there (exclusive) 'lá fora (exclusivo)
tí- i'	'there (anaphoric) 'lá (anafórico)
way- e'	'(in) here (inclusive) '(em) aqui (inclusivo)

A primeira coisa a notar sobre as Tabelas 1-3 é que as quatro categorias são semelhantes na estrutura geral. A distinção entre *a'* e *o'* ocorre em cada uma das quatro categorias, distinguindo oito das quinze formas de citação. Na série dos locativos (*té'el*), *a' ≠ o'* parecem distinguir a proximidade relativa, enquanto na série dos ostensivos de evidencialidade (*hé'el*) eles distinguem a modalidade perceptiva. A nuance precisa da distinção é diferente em cada categoria, mas a oposição permanece constante: *a'* assinala um acesso mais imediato ao referente do que *o'*. Vamos analisar mais de perto a série *hé'el*, as quatro principais formas da Tabela 3.

Exemplos (1-6) ilustram os dêiticos ostensivos de evidencialidade baseados em *hé'el*. Os três primeiros mostram formas que normalmente seriam usadas para realizar atos de apontar para um objeto que é visível (*o'*), entregar um objeto na mão (*a'*) do locutor, ou apontar para o som feito por um objeto que não é visível nem próximo à mão (*be'*). A forma base *hé'el* está consistentemente associada ao ato demonstrativo (apontar, entregar algo), e o terminal distingue a modalidade perceptiva na qual o objeto é apresentado.

1. hé[?] síná[?]an o[?]
OSTEV scorpion VISUAL
'There's a scorpion (look out!)'
'Lá/ali tem um escorpião (cuidado!)'
2. hé[?] le kib a[?]
OSTEV Art candle TACTUAL
'Here's the candle (presenting)'
'Aqui está a vela (apresentando)'
3. hé[?] inw-alak[?] pèek[?] be[?]
OSTEV lsgApro-Class dog PERIPHERAL
'There's my dog (listen!)'
'Lá/ali está meu cachorro (escute!)'

Hé'elo, que significa 'lá (ou ali) está', também pode ser usado para se referir à fala anterior em uma interação contínua. Em (4), A anuncia que está se sentindo doente e B aponta para essa declaração como uma base para a inferência de que A não virá para viagem naquele dia. Aqui, a forma *o'* é usada em resposta à posição para se referir ao enunciado anterior⁸.

4. A: tene[?]₁ chan[?]₂ k'ohá[?]an[?]₃en[?]₄behé[?]elá[?]e[?]₅ 'Me,₁ I'm₄ a little₂ sick₃ today₅'
'Eu,₁ estou₄ um pouco₂ doente₃ hoje₅'

B: hé[?]elo[?]₁, má[?]₂ túun[?]₃ tupáahtal[?]₄ a[?]₅táal[?]₆ 'Right,₁ so you₅ won't₂ then₃ be able₄ to come₆ (along)'
'Certo₁, então₃ você₅ não poderá_{2,4} vir₆ (junto)'

O imediatismo relativo do acesso assinalado por *hé'ela* e *hé'elo* pode também ser mobilizado em sentenças do passado, onde o objeto referido é um evento recente. Assim, em (5) a forma *a'* denota algo que acabou de ocorrer, enquanto em (6) a forma *o'* denota algo que ocorreu um pouco antes. Ambas as formas expressam que o evento passado foi testemunhado pelo locutor. Em contraste, *he'ele'* em (7) funciona como um auxiliar modal indicando que o evento é certo, mas sem nenhuma evidência. Ele não pode ser usado para se referir a um evento específico que realmente foi testemunhado, e não transmite nenhuma das forças ostensivas diretivas das três formas perceptivas.

5. hé[?] h-bin a[?]
OSTEV Pst-go IMMED
'There he went (just passed right by me)'
'Lá/ali foi ele (acabou de passar por mim)'
6. hé[?] tz'ó[?]ok u-bin o[?]
OSTEV finish 3Apro-go IMMED
'There he went (a while ago)'
'Lá/ali foi ele (há algum tempo)'
7. hé[?] a tãal e[?]
modal 2Apro-come Ø
'You'll surely come'
'Você certamente virá'

⁸ Os exemplos (4) e (7-28) são apresentados com os subscritos para indicar quais partes da língua maia iucateque correspondem a quais partes da glosa em língua inglesa. As quebras de morfemas interlineares são fornecidas apenas quando relevantes.

Esses aspectos do significado convencional dos dêiticos ostensivos são obviamente fatos pragmáticos, mas eles têm consequências gramaticais. Ao contrário da maioria dos dêiticos na língua, as formas ostensivas estão sujeitas a restrições de coocorrência que as impedem de ocorrer em qualquer oração marcada como incerta, conjectural ou duvidosa. Não se pode apontar para um objeto perceptivamente acessível e questionar sua existência ao mesmo tempo. Esse fato de restrição de coocorrência dá suporte gramatical à alegação de que a força ostensiva de evidencialidade do dêitico é parte de sua inclinação convencional e não apenas um efeito colateral de seu uso. Além disso, a coocorrência com partículas evidenciais fornece uma estrutura de teste na qual as formas ostensivas (terminadas em *a'*, *o'*, *be'*) são claramente distintas das modais. A diferença é motivada pela respectiva força pragmática das formas: as modais transmitem certeza epistêmica sem evidência e sem referência a um objeto ou evento específico, enquanto as formas ostensivas têm a força performativa de demonstrar, entregar algo ou direcionar a atenção do interlocutor para o objeto.

2.2. INTERAÇÕES DE CATEGORIA ENTRE A REFERÊNCIA OSTENSIVA E A MODALIDADE⁹

A partícula *wa'* é usada para marcar perguntas sim-não, oração condicional *If-clause* e qualquer parte de uma disjunção (uma ou outra, ou). Nenhum dos dêiticos evidenciais coocorre com [wa'] em qualquer uma de suas funções, enquanto o modal o faz.

- | | |
|--|--|
| 8. *wá ¹ hé ² kutáal ³ o ⁴ , má ⁵ alob ⁵ | 'If ₁ here _{2,4} he comes ₃ , (then) good ₅ '
'Se ₁ ele vier ₃ aqui _{2,4} , (então) bom ₅ ' |
| 9. *wá ¹ hé ² búus ³ o ⁴ , wás ⁵ tz'úbin ⁶ | 'Either ₁ there _{2,4} the bus ₃ , or ₅ it's gone ₆ '
'Ou ₁ há _{2,4} ônibus ₃ , ou ₅ ele se foi ₆ ' |
| 10. *hé ¹ wá ² awatan ³ o ⁴ | 'Is ₂ that _{1,4} your wife ₃ ?'
'Essa _{1,4} é a sua esposa ₃ ?' |
| 11. hé ¹ wá ² a ³ táal ⁴ e ⁵ | 'Will ₂ you ₃ surely _{1,5} come ₄ ?'
'Você ₃ certamente _{1,5} virá _{2,4} ?' |
| 12. wá ¹ hé ² a ³ táal ⁴ e ⁵ , wá ⁶ kimbin ⁷ tinhùus ⁸ | 'Either ₁ you ₃ 'll _{2,5} come ₄ , or ₆ I go ₇ alone ₈ '
'Ou ₁ você ₃ virá _{2,5,4} , ou ₆ eu vou ₇ sozinho ₈ ' |

Miin é uma partícula S-inicial que ocorre apenas nas orações principais, marcando-as como conjecturais.

- | | |
|--|--|
| 13. *míin ¹ hé ² kutáal ³ o ⁴ | 'I guess ₁ here _{2,4} he comes ₃ '
'Acho que ₁ ele vem ₃ aí _{2,4} ' |
| 14. míin ¹ hé ² in ³ táal ⁴ e ⁵ | 'I guess ₁ I ₃ 'll surely _{2,5} come ₄ '
'Acho que ₁ certamente _{2,5} irei _{3,4} ' |

Em iucateque, perguntas de informação explícitas são formuladas com uma das palavras de pergunta na posição S-inicial: *bá'ax* 'o que', *bix* 'como', *tú'ux* 'onde', *bá'axk'iin* 'quando', *bá'axten* 'por que', e assim por diante, como em,

- | | |
|--|--|
| 15. bá'ax ¹ hé ² aw ³ á'alik ⁴ ten ⁵ e ⁶ | 'What ₁ 'll _{2,6} you ₃ surely _{2,6} tell ₄ me ₅ ?'
'O que ₁ você ₃ certamente _{2,6} vai _{2,6} me ₅ dizer ₄ ' |
| 16. *bá'ax ¹ hé ² kutáal ³ o ⁴ | 'What ₁ 's that _{2,4} coming ₃ ?'
'O que ₁ vem ₃ por aí _{2,4} ?' |
| 17. *tú'ux ¹ hé ² kubin ³ o ⁴ | 'Where ₁ there _{2,4} he goes ₃ ?'
'Onde ₁ lá _{2,4} vai ₃ ele?' |

⁹ A rigor, as partículas ilustradas nesta seção são funcionalmente misturadas entre marcadores de fonte de informação (evidência verdadeira como definida por AIKHENVALD, 2004), marcadores de status de informação (conjectural, provável, certa) e uma variação de efeitos "expressivos", como a surpresa, contraexpectativa e presságio. Tal agrupamento de efeitos não é raro em evidências (ver AIKHENVALD, 2004). O que tudo isso tem em comum é que, em maia, eles interagem sistematicamente com os dêiticos ostensivos, e essa interação fornece fortes evidências para os significados das formas dêiticas.

Nos três casos seguintes, uma partícula evidencial/modal ocorre com todas as formas de *hé'el*, mas obtém uma leitura sistematicamente diferente para o modal *versus* os ostensivos de evidencialidade.

Bakáan é uma partícula que marca contraexpectativa. Dependendo do contexto, *bakáan* pode indiciar que (i) o locutor sente que há razão para acreditar em X, mas não está disposto a confirmar ele mesmo; ou (ii) X é comprovadamente verdadeiro, mas o locutor não o esperava e por isso está ligeiramente surpreso. Se combinarmos *bakáan* com o modal *hé'ele'*, a sentença resultante transmitiria, normalmente, a primeira leitura. Em contraste, se combinarmos *bakáan* com os ostensivos de evidencialidade, ele só pode ter a segunda leitura. Assim, em (19), *bakáan* indicia a surpresa do locutor ao ver alguém chegar, mas de forma alguma qualifica seu compromisso com a verdade da declaração. O ostensivo de evidencialidade *hé'élo'* essencialmente afirma que ele tem evidência visual para o que ele está dizendo, e isso direciona o interlocutor a olhar para ele. Nenhuma partícula coocorrente na fala pode suspender ou bloquear esta leitura.

18. *hé'1 bakáan2 u3 tàal4 e'5* 'He₃'ll_{1,5} apparently₂ come₄ (so it seems)'
'Ele₃ aparentemente₂ virá_{1,5,4} (assim parece)'

19. *hé'1 bakáan2 kutáal3 o4* 'Here_{1,4} he comes₃ (I didn't expect it)₂'
'Aí_{1,4} vem₃ ele (eu não esperava isso)₂'

Lobil é outra partícula evidencial com dois significados bastante diferentes, ambos transmitindo uma sensação de adversidade, a saber: (i) o locutor espera que X, mas tem motivos para duvidar; (ii) X é comprovadamente verdadeiro, mas de forma lamentável ou problemática para o locutor. Em combinação com a partícula adversa, o modal recebe sempre a primeira leitura, os evidenciais apenas a segunda.

20. *hé'1 u2tàal3 lobil4 e'5* 'I hope₄ he₂'ll surely_{1,5} come₃ (but who knows?)'
'Espero que₄ ele₂ certamente_{1,5} venha₃ (mas quem sabe?)'

21. *hé'1 lobil2 u3tàal4 e'5* 'I hope₂ he₃'ll surely_{1,5} come₄ (but who knows?)'
'Espero que₂ ele₃ certamente_{1,5} venha₄ (mas quem sabe?)'

22. *hé'1 lobil2 amáaskab3 a'4* 'Here's_{1,4} your machete₃ (sorry it's too late, or sorry I wrecked it, etc.)₂'
'Aqui está_{1,4} seu facão₃ (desculpe-me por ser tarde demais, ou por ter estragado tudo, etc.)₂'

23. *hé'1 kubin2 lobil3 o'4* 'There_{1,4} he goes₂ (but he'll never make it on time)₃'
'Lá/ali_{1,4} vai₂ ele (mas ele nunca chegará a tempo)₃'

Wale' tipicamente ocorre na posição S-final e transmite de forma variada dubitativa (X é possível, mas duvido), admonitória (X é possível, portanto, tenha cuidado; X é o caso, portanto tome nota) ou, quando usado com imperativos, exortativo (tenha pressa e X).

24. *tz'úbin1 wale'2* 'Maybe₂ he's left₁ (I don't know)'; 'He's left (Uhoh)'
'Talvez₂ tenha saído₁ (não sei)'; 'Ele se foi (Uhoh)'

25. *kó'ox1 meyah2 wale'3* 'Let's₁ (get to) work₂ (hurry up)₃'
'Vamos₁ (ir) trabalhar₂ (depressa)₃'

26. *hé'1 u2tàal3 wale'4* 'He₂'ll_{1,4} possibly₄ come₃', 'It's doubtful whether he'll come', 'Careful, he might come'
'Ele₂ possivelmente₄ virá_{1,4,3}', 'É duvidoso que ele venha', 'Cuidado, ele pode vir'

27. *hé'1 kubin2 wal3 o'4* 'There₁ he goes₂ (watch out, take note)₃'
'Lá/ali₁ vai₂ ele (cuidado, tome nota)₃'

28. *hé'1 xúuken2 wal3 a'4* 'Here_{1,4} I've arrived₂ (check it out, I'm cool)₃'
'Aqui_{1,4} cheguei₂ (confira, estou bem)₃'

Os dêíticos ostensivos de evidencialidade requerem uma leitura factual (27-28), enquanto os modais não (26).

O que esses exemplos mostram é que a força pragmática da evidencialidade baseada na ostensão é convencionalizada nessas formas. Ela não pode ser bloqueada por marcadores de evidencialidade coocorrentes que suspendem ou contradizem o acesso perceptivo e epistêmico ao referente. Em contraste, a certeza epistêmica assinalada por *hé'ele'* 'com certeza' é prontamente suspendida por partículas coocorrentes. A implicação é que as formas ostensivas realmente codificam a função pragmática de mostrar o referente de acordo com sua perceptibilidade. Pelo contrário, o modal só implica certeza, mas não a codifica; podemos bloquear a inferência sem produzir contradição pragmática¹⁰. O que importa para estas formas não é a localização espacial, mas o acesso fenomenal (epistêmico ou perceptivo).

Existem muitas outras diferenças gramaticais entre os dêíticos que ajudam a fundamentar hipóteses quanto à sua força pragmática. Meu ponto aqui é enfatizar que a evidência gramatical é diretamente pertinente às hipóteses sobre a pragmática da dêixis. Isso é especialmente verdade no que diz respeito às restrições potenciais de coocorrência com evidenciais, marcadores de status e outros índices de postura. Quanto mais evidências tivermos de que alguma característica suposta do significado dêítico tem consequências gramaticais, mais confiantes estaremos de que a característica é parte do sistema dêítico e não apenas parte dos contextos em que é utilizada.

3 DADOS ELICITADOS E A DINÂMICA DE ENTREVISTAR FALANTES NATIVOS

Outro tipo de evidência, igualmente necessária, é a covariação de dêíticos com contextos e não com outras formas linguísticas coocorrentes. Isso tem várias partes. Em primeiro lugar, ao coletar ocorrências de qualquer tipo formal, seja de modo atestado ou elicitado, estamos procurando a consistência entre ocorrências do mesmo tipo. Se afirmamos que *hé'ebe'* codifica convencionalmente a demonstração ostensiva de um objeto que é audível, mas não visível, então esperamos que todos os usos da forma tenham essa força. Isso nem sempre é simples porque os dêíticos não são todos igualmente marcados ou específicos. As formas não marcadas, como *hé'elo'*, exibem uma variedade maior de uso do que as altamente marcadas. Assim, *hé'elo'* pode ser usado para se referir a conversas anteriores ou a objetos dentro do alcance do toque, enquanto *hé'ebe'* não pode. Sempre que houver uma assimetria de marcação, a forma não marcada será usada em uma variação mais ampla de contextos do que a forma mais marcada e, portanto, tenderá a ser mais frequente.

3.1 ELICITANDO FORMAS DE CONTEXTOS CONTROLADOS

Podemos iniciar partindo dos contextos e perguntando que formas dêíticas eles ativam. Se o referente está evidentemente próximo ao interlocutor, mas não ao locutor, qual a forma que melhor se encaixa? Se o locutor tem o objeto na mão, mas não consegue vê-lo (como se estivesse acessando um armário escuro), qual forma é usada? Se o objeto já está em discussão, portanto anaforicamente disponível em uma base comum, mas está na posse do locutor, qual forma é selecionada? O resultado desse tipo de pesquisa é mapear as formas em contextos, partindo do contexto. O truque é escolher contextos de observação que revelem diferenças entre as formas.

Um dos instrumentos interessantes e produtivos desenvolvidos pelo grupo Max Planck é o "Questionário Dêítico", elaborado por Wilkins (1999) em colaboração com outros. A utilidade potencial de um questionário é óbvia: ele contém a promessa de estabelecer uma estrutura de diagnóstico aplicável a diferentes línguas. No questionário de Wilkins, as unidades não são perguntas que os informantes são solicitados a responder. Ao contrário, são cenários nos quais os informantes são solicitados a produzir falas que se referem a objetos cujas localizações são controladas experimentalmente. Sentado diante de um interlocutor do outro lado de uma mesa, o locutor é induzido a se referir a objetos como um livro ou rádio, localizados na mesa entre eles, a alguma distância da mesa, mas na mesma sala, em outra parte da casa, não visível no momento e assim por diante. O grande ponto do questionário é sua capacidade de reduzir os contextos para as relações básicas de proximidade e acesso perceptivo. Isso permite ao pesquisador covariar

¹⁰ Meu raciocínio aqui se baseia amplamente na estrutura griceana para a implicatura conversacional, cuja leitura está delineada em Hanks (2002, 2005). A certeza transmitida por *hé'ele'* é uma boa candidata a uma implicatura conversacional generalizada; cf. Levinson (2000).

a seleção de dêiticos com os ambientes espaço-perceptivos. Como parte de um conjunto mais amplo de evidências, isso pode lançar luz sobre como os contrastes dêiticos mapeiam esse tipo de contexto. O que ele não pode fazer, é claro, é elicitar usos em que outras dimensões além do espaço e da percepção estão em jogo. Também não pode elicitar usos nos quais o enunciado dêitico introduz um objeto em um contexto interativo contínuo pela primeira vez, uma vez que o cenário experimental é um dado adquirido antes de o enunciado ser produzido. Finalmente, a elicitação em contexto controlado não pode simular a tarefa expressiva dos locutores comuns ou a tarefa de recepção dos interlocutores, porque controla a multiplicidade que os falantes realmente enfrentam. No uso comum, os objetos são simultaneamente acessíveis em várias dimensões contextuais – espaço, percepção, memória, discurso e assim por diante. O falante nativo conhece não apenas os contrastes entre as formas, mas como ativar características situacionalmente eficazes do contexto.

3.2. ELICITANDO CONTEXTOS A PARTIR DE FORMAS

Em meu próprio trabalho, achei muito produtivo realizar elicitação usando um método mais ou menos inverso ao questionário de Wilkins. Em vez de partir de contextos e elicitar formas, comecei a partir de formas e elicitei descrições de contextos. As formas alvo eram enunciados em iucateque nos quais os dêiticos ocorressem e a elicitação foi realizada inteiramente em iucateque. Há várias vantagens em se realizar a elicitação na língua nativa. Primeiro, o contexto de elicitação é em si uma interação, e quando ela ocorre na língua-alvo, os dêiticos e outros índices são inevitavelmente usados, assim como comentados. Em segundo lugar, os recursos gramaticais que possibilitam comentários metalinguísticos estão disponíveis no uso comum, tais como discurso reportado, menção (“citação”), estruturas de comentário de tópicos, nos quais a forma alvo é o tópico, e a avaliação metalinguística é um comentário. Terceiro, quando os locutores comentam sobre os dêiticos, eles muitas vezes o fazem usando elementos não dêiticos, como fazemos quando dizemos “‘Aqui’ denota um lugar próximo ao locutor” ou “‘Lá (ou ali) vai ele!’ significa que você pode vê-lo”. Trabalhando na língua nativa, essas relações de explicação dão provas fundamentais das formas contrastantes em que os dêiticos e os não dêiticos mobilizam distinções semelhantes. Em iucateque, há contrastes interessantes entre a forma como a percepção é categorizada nos dêiticos ostensivos de evidencialidade, por um lado, e nos verbos de percepção, por outro (HANKS, 1990: Capítulo 6). Em quarto lugar, quando os falantes explicam os dêiticos, eles raramente tentam investigar todo o uso possível de qualquer forma. Ao invés disso, eles aproveitam certos usos notáveis que têm para eles o status de usos prototípicos ou exemplares (HANKS, 1993). Eles podem até chegar ao ponto de rejeitar expressões sem sentido que eles mesmos usam, mas que são atípicas (ilustrado em HANKS, 1996). Isso indica que eles têm ideias bem formadas sobre a pragmática da dêixis, e que essas ideias variam de acordo com o amplo espectro de uso.

Portanto, é fundamental reconhecer que *a metalinguagem nativa é diferente do uso real*: como descrição, essa metalinguagem pode se mostrar inadequada ou mesmo distorcida, mas como registro de como os falantes pensam sobre o uso típico, ela é muito valiosa. Explicações metalinguísticas de expressões dêiticas levam o pesquisador ao domínio do que alguns chamam de ideologia da linguagem, e eu preferiria chamar de senso comum. O realismo etnográfico exige que descubramos como os falantes da língua-alvo apreendem o contexto, e como eles pensam sobre os objetos aos quais se referem: é a esse contexto socialmente encaixado e significativo que a dêixis se liga. E são as suas próprias ideias sobre o uso comum, apropriado, repetível e típico que guiam a compreensão das pessoas sobre a fala produzida por outros.

Os dados das entrevistas são, portanto, em si mesmos, uma espécie de conversa e fornecem evidências primárias a respeito das ideias dos falantes nativos sobre o uso de sua língua. A estratégia que achei mais eficaz foi simplesmente citar uma forma e perguntar, de modo mais geral possível, o que “significa”, como em *bá’ax uk’áat yá’aleh* ‘O que significa? (literalmente, o que isso quer dizer?)’. Ocasionalmente, eu explicava que tinha ouvido a forma falada, mas não entendia bem. Em uma sequência de formas, geralmente reduzi a pergunta a *kux túun ____?* ‘Quanto a ____?’. As respostas que se seguiam eram geralmente cenários, ou sequências de cenários alternativos, nos quais a forma alvo era falada por um personagem fictício. Em outras palavras, o alvo foi apresentado como discurso reportado, e não meramente como citação. Com o tempo, ficou claro que esses falantes têm algo como esquemas indiciais em mente, que foram instanciados em cenários comuns. Fiquei igualmente impressionado com a facilidade e rapidez com que eles deduziam os cenários comuns a partir de apenas uma forma dêitica. Essas entrevistas ocorriam frequentemente como parte de conversas abertas durante os intervalos do trabalho no campo ou em locais de construção, ou em casa, durante a noite. Quando comecei a fazer essa fase do trabalho de campo, eu já havia trabalhado com as pessoas que entrevistei, ou vivido em suas casas por

cerca de 4 meses. Os sujeitos eram todos adultos, cinco homens e duas mulheres, que também me ensinaram a trabalhar (como capinar, irrigar, colher). A elicitación se tornou uma extensão de seu papel como professores de fato de um gringo mais ou menos incompetente que vivia em seu meio. Considere o extrato em (29), produzido por Don Ponso, um homem mais velho com quem trabalhei.

Em (29) perguntei a Don Ponso o significado de *kó'oten té'ela'* 'Venha aqui'. Sua resposta situa a forma em um cenário no qual o falante imaginário está sentado fora de sua própria casa, e oferece um assento para um visitante (eu mesmo). Para fazer isso, o falante se levanta e oferece uma cadeira que ele tem em mãos, dizendo 'venha aqui'.¹¹

29. ...*bey xan hú tz'ik tech ump'ée bá'al akutale'*,
...also he'll give you a thing to sit (on),
... também lhe dará uma coisa para sentar (em)

kuliik'le', kyáaik teche', kó'oten té'ela'. *Eskeh ump'ée bá'al*
He gets up, he says to you, "Come here." It's that a thing
Ele se levanta e lhe diz: "Venha aqui". É uma coisa

umachk utz'áa teche'. Ká kulakechi'.
He takes in hand to give you. For you to sit on it? [1.A.25]
Ele toma em mãos para lhe dar. Para que você se sente em cima dele.

O objeto de referência do falante imaginário é a cadeira, que já é destacada ao máximo e oferecida fisicamente no momento da fala.

(29) também sugere que a forma *té'ela'* é usada para se dirigir a um interlocutor que já está próximo e face a face com o locutor. Essa condição, que se revelou robusta, foi dita explicitamente por Don Ponso mais tarde na mesma conversa, como mostrado em (30).

30. *kó'oten té'ela', k'abéet nàatz' yàan techi'*
"Come right here" he has to be close to you (already). [1.A.061]
"Venha aqui mesmo" ele tem que estar perto de você (já).

Isso levanta a questão de como um locutor convocaria um interlocutor que ainda não está próximo, por exemplo, se os dois estão separados na floresta ou em diferentes partes da propriedade rural. Para essa condição a forma utilizada é *kó'oten waye'* 'venha até aqui (onde eu estou)!' Para cumprir esse imperativo, o interlocutor só precisa seguir o som da voz até sua fonte, enquanto com *té'ela'*, ele deve seguir o gesto até a cadeira (ou outro lugar na situação imediata de fala). A inferência apresentada em (30) é válida precisamente porque existe uma forma paradigmaticamente oposta que os falantes usam quando os interagentes estão separados.

(31) mostra outro exemplo no qual as oposições paradigmáticas estruturam as hipóteses de fundo de Don Ponso sobre o contexto. Pedi a ele que comentasse sobre *hé'eló'oba'* 'aqui estão eles'.

31. *hé'eló'oba', amachmah [...] wá má amachmae'*,
"Here they are," you've grabbed them... if you haven't grabbed them,
"Aqui estão eles", você os agarrou... se não os agarrou,

Hé'yàan hé'elo'
(you say) "There they are" [19.B.094]
(você diz) "Lá/ali/aí estão eles".

¹¹ As referências entre colchetes nos exemplos referem-se às gravações de campo ou cadernos dos quais eles foram retirados. A maioria dos exemplos citados neste trabalho foi registrada entre 1979 e 1992.

Do ostensivo de evidencialidade *hé'eló'oba'*, Don Ponso deduz que o falante deve ter o referente em mãos. Isso é consistente com o uso apresentativo e tático da forma, o que foi evidente para todos os falantes com os quais trabalhei. Sem ter sido questionado, ele continua a esclarecer que se o falante não tiver o objeto em mãos, então a forma apropriada é *hé' yàan hé'elo'* 'ali estão eles (olhe!)'. Esse contraste é extremamente preciso para uma maneira de ler a oposição lexical entre *hé'ela'* e *hé'elo'*. Na verdade, ambas as formas têm outros usos e entram em outros contrastes, mas a oposição tático/não-tático é aquela que ele e outros falantes acharam mais típica.

Os comentários metalinguísticos dos nativos são, portanto, uma parte muito valiosa do trabalho de campo em dêixis. Trabalhando na língua nativa, podemos criar um efeito de bola de neve em que os comentários dos falantes revelam outras características da língua, bem como expressam suas avaliações sobre o uso típico e adequado. Essas outras características incluem o sistema paradigmático de categorias e oposições do qual qualquer forma individual faz parte. Nesse sistema, os contrastes lexicais e morfossintáticos correspondem a contrastes pragmáticos. Quando exploramos as tipificações de uso dos falantes, estamos explorando seus esquemas pragmáticos de senso comum.

4 OBSERVANDO O USO COMUM

Obviamente, nenhuma quantidade de dados elicitados pode substituir a observação prolongada do uso real do dêitico em contextos comuns. Para um etnógrafo, a pergunta básica é: O que precisamos saber sobre o cenário em que ocorre um enunciado dêitico para entendê-lo corretamente? Parte da resposta a isso se volta para a forma como registramos os dados. Em termos de informação capturada, o vídeo é obviamente o melhor, pois captura a realização do gesto com o enunciado em tempo real. O áudio faz isso apenas para transmissão de som, e a transcrição em movimento já é uma interpretação seletiva do que o pesquisador percebe. Não importa o tipo de coleta de dados que usamos, no entanto, é importante ver que aspectos significativos do contexto de fala serão inevitavelmente perdidos, não importa o quanto de informação o meio de gravação permite obter. Em meu trabalho de campo, achei necessário conhecer uma grande quantidade de elementos do pano de fundo para compreender com precisão até mesmo enunciados simples. Isso inclui um sentido de espaço mais amplo no qual a interação ocorre, assim como as relações sociais entre os participantes. Um chefe de família mais velho, por exemplo, pode se referir a toda a casa como seu 'aqui' e pode falar de projetos de trabalho coletivo na primeira pessoa do singular, enquanto um falante com menos autoridade não pode. Os homens evitam a interação direta com as esposas de seus irmãos, o que dá origem à fala indireta (Hanks, 1990), e os limites aos quais o uso comum reage são muitas vezes tão sociais quanto espaço-perceptivos. Por exemplo, mesmo dentro de um composto patrilocal murado, a área de um irmão é tratada como 'do lado de lá' pelos outros irmãos. Em resumo, a teia de parentesco, gênero e residência interagem com o sentido de aqui e lá. Após gravar em áudio mais de cem horas de conversa durante um ano de trabalho de campo, só fiz sentido de uso ao redor da casa colocando o gravador de fita de lado, mapeando a propriedade rural em suas esferas baseadas em parentesco e gênero, e rastreando as relações sociais dos locutores e dos interlocutores para os objetos de que falavam. O impressionante em retrospectiva é o quanto desse uso comum pareceu, a princípio, responder ao espaço físico, mas o trabalho de campo depois demonstrou que esse uso era definido por relações sociais. Sem o trabalho de campo prolongado, a diferença entre os dois seria invisível para mim.

Na última série de exemplos, quero mostrar alguns enunciados realmente atestados em cenários familiares. Os dados são transcrições simples, a maioria feita no decorrer das falas, mas serão suficientes para mostrar como alguns dêiticos são usados. (32) foi falado por um homem que estava na carroceria de um caminhão enquanto este fazia marcha ré em um espaço estreito, ao lado da casa em que eu estava sentado. Enquanto o caminhão se encostava de ré, e o motorista olhava, o homem agiu como um observador, dizendo ao motorista quando deveria parar. Ele disse,

32. *té' ká wáalaké' ex a'!* "stop right there!" [BB.4.135]
 "pare aí mesmo!"

Esse enunciado ilustra a referência pontual para um lugar ao qual o interlocutor está cuidadosamente atento, mas não consegue ver claramente. Também é relevante que o caminhão esteja se movendo em direção a esse lugar imediatamente antes da enunciação, porque o local de parada é de fato o destino, e isso exige *té'ela'* em oposição a *té'elo'*.

No próximo exemplo (33), a locutora faz referência ao seu próprio corpo no curso de explicar onde seu marido havia sido ferido. Apresentando sua perna como a contraparte da do marido, ela a interpreta em *a'*. O ostensivo de evidencialidade apresenta seu próprio corpo como o referente e a referência seguinte combina o locativo *té'ela'* 'aqui mesmo' com o advérbio de modo *beya'* 'desse modo', à medida que ela mostra onde a lesão ocorreu em sua própria perna.

33. ...*mèn le hé'el a' ... beya' tìn uúchih té'e bey a'*
 '...Cuz right here, ... this is how it happened to him right here' [BB.4.9]
 'Porque aqui mesmo, ... foi assim que aconteceu com ele aqui mesmo'

O próximo exemplo vai aguçar a distinção entre a simples referência a um lugar, em oposição à referência a um lugar para o qual se está atualmente se movendo, ou seja, o caminho ou destino. Era meio da manhã e eu estava sentado em uma pequena mesa no quintal do meu compadre. Elena estava lavando os pratos em baldes de água no chão, a cerca de cinco metros de distância de mim. Perto dela estava seu sobrinho Luis, o filho do irmão mais velho de seu marido. As duas famílias vivem no mesmo complexo fechado, mas cada uma tem uma casa e cozinha separadas. Luis se dirige a mim, falando que tem uma foto minha em sua casa, do outro lado do pátio e fora de vista de onde estávamos na época.

- | | | |
|----------|------------------------------------|--|
| 34. Luis | <i>tíaan a fòoto té'elo'</i> | 'There's your photo over there'
'Lá está sua foto' |
| | WH <i>tú'ux? Ich nah?</i> | 'Where? In the house?'
'Onde? Na casa?' |
| | Luis <i>tí'i', té' yan té'ela'</i> | 'Yeah. There it is right there' [BB.5.28]
'Sim. Ali está bem ali' |

O primeiro ponto a notar em (34) é que Luis trocou sua construção dêitica de *té'elo'* no primeiro enunciado para *tí'i'*, depois *té'ela'* no segundo. O primeiro enunciado faz o que Schegloff (1996) chama de 'referência de reconhecimento'. Luis assume que reconhecerei o lugar a que ele se refere mesmo que o dêitico dê poucas informações. (É provável que ele tenha feito um gesto junto do enunciado, mas minhas anotações são insuficientes para determinar). Em resposta a meu pedido de esclarecimento, ele usa o locativo anafórico padrão *tí'i'* 'lá' para afirmar que ele quer dizer 'em (ou na) casa', ou seja, em sua própria casa. A forma não marcada para características de acesso espacial, perceptivo e outras formas de acesso, *tí'i'*, é correferencial com *ich nah* 'na casa'. O elemento chave no exemplo é a alternância para *té'ela'*, na última parte do turno de fala de Luis. O que mudou é que, como Luis diz 'está logo ali', ele já começou a caminhar na direção da foto para realmente obtê-la. O que impulsiona sua escolha de *té'ela'* ao invés de qualquer outra de várias alternativas viáveis é o fato de que ele está indo para lá enquanto fala. Em geral, *té'ela'* é usado em referência ao caminho ou destino do movimento, enquanto *té'elo'* é usado em referência à fonte ou caminho já percorrido. De modo similar, em usos não mostrados aqui, os dêiticos *a'* podem ser usados em referência a objetos que um participante antecipa, em oposição às formas *o'* que são usadas para objetos lembrados.

Em outros exemplos, o objeto de referência não é acessível no espaço ou na percepção, mas é acessível por meio de uma relação privilegiada com um dos interagentes. Em (35), Manuel está me contando como os "Turcos" reclamam às autoridades estaduais que o mercado local é dominado por outros comerciantes, e que sua própria mercadoria não vende como consequência disso¹². No cenário, a mercadoria é formulada como "nossa", enquadrada pelo demonstrativo imediato *lela'* 'isso (ou isto)'. O que é impressionante é que a mercadoria deles não está em nenhum lugar no local, apesar do uso do suposto demonstrativo imediato. Pelo contrário, porque pertence aos locutores, a mercadoria é interpretada com *a'*. Manuel os cita dizendo,

¹² Em iucateque, o termo "Turcos" se refere ao povo libanês, que desempenha coletivamente um papel central na economia do Estado e que é muitas vezes estereotipado por maias como comerciantes ricos e politicamente corruptos.

35. *le tó'on a' má' tu má'anañ, kih e turkos*
 “This ours, it doesn’t get bought,” say the Turks. [BB.4.160]
 “Isto/isso nosso, não se compra”, dizem os turcos.

No caso limitado, o funcionário a quem (35) foi dirigido não precisa nem mesmo saber exatamente que mercadoria eles vendem. O fato de ser deles, em contraste com a mercadoria dos outros comerciantes, é suficiente para motivar a construção com *a'*. Aqui o dêitico parece indiciar algo como a postura do falante em relação ao objeto (cf. OCHS, 1992; DUBOIS, 2007).

Há também o que se poderia chamar de usos “estereotípicos” de dêixis, correspondendo às circunstâncias familiares. Em saudações, onde os participantes ainda não estão engajados, refere-se à esfera do interlocutor como *té'elo'* e à sua própria esfera como *té'ela'* ou *waye'* ‘aqui’. Quando os adultos repreendem as crianças, a esfera da criança é construída com *o'*, mesmo que seja espacialmente e perceptivamente imediata para o falante. Em resposta a “Onde você está?”, a pessoa responde simplesmente como *way yanen e'* ‘Estou aqui’.

A referência dêitica para as características do ambiente natural fornece um contraste revelador em termos de acessibilidade dos objetos na situação da fala. Ao se referir ao clima, à disposição do terreno, ao bosque ou aos campos, o padrão típico é usar dêiticos terminando em *o'*, onde um falante de inglês (e português) poderia usar o artigo definido, como nos seguintes casos.

- | | |
|-------------------------------|--|
| 36. <i>chokow le k'iin o'</i> | ‘the sun is hot’
‘o sol está quente’ |
| <i>nùuktak le hwiits o'</i> | ‘the hills are big’
‘as colinas são grandes’ |
| <i>chuúp le 'aák'al o'</i> | ‘the marsh is full (of water)’
‘o pântano está cheio (de água)’ |

Mas se a característica natural é especialmente evidente no contexto de fala, então os falantes a constroem com dêiticos terminados em *a'*. Em (37), os interagentes estavam dentro de uma barraca de refrigerante em uma tarde clara e quente. O vento soprava forte do lado de fora, e o falante tomou isso como um sinal de uma iminente onda de calor. O som uivante e o papel do vento como um presságio de calor fazem com que ele se destaque especialmente, e isto motiva a construção com *lela'*.

37. *k'àam le 'iik' a' [pointing up]. “astah bey u taal camyon e”*
 ‘The wind is strong. It’s as if a truck were approaching.’ [BB.5.56]
 ‘O vento está forte. É como se um caminhão estivesse se aproximando.’

(38) é semelhante na medida em que um referente que alguém poderia interpretar como *lelo'* ‘aquilo’ é interpretado como *lela'* ‘isto (ou isso)’ por causa de sua relevância perceptiva no momento de falar. Don Ponso e eu estávamos dentro de sua casa quando ele ouviu um pássaro cantar lá fora. Reconhecendo-o, ele disse

38. *hats' le chan ch'iich' kuk'ay a'. sakbakal*
 ‘This little bird singing is beautiful. It’s a dove’ [BB.5.7]
 ‘Este pequeno pássaro cantando é lindo. É uma pomba’

Contando-me como ele havia visto um vulcão expelindo lava no Vale do México, Don Chabo se reporta exclamando ao seu companheiro enquanto corria para se esconder,

39. *dzú ta'aba le mundó a'* ‘This world’s aflame!’ [BB.4.100]
 ‘Este mundo está em chamas!’

Nesses e outros casos semelhantes, a interpretação dêitica é sistematicamente sensível à relevância perceptiva do objeto no momento de fala. Esse fato faz pouco sentido se o que está no cerne da dêixis são as relações espaciais ou a mera perceptividade, mas faz muito sentido se o acesso do participante ao contexto é o que mais importa. O mapeamento de *a' ≠ o'* para distinção em ambientes comuns é em grande parte rotineiro, e ações como saudações, repreensões e referência ao ambiente natural são feitas de maneira típica.

Esses fatos de uso representam um desafio básico para a pesquisa sobre a pragmática da dêixis. A qualquer momento na interação, múltiplas dimensões de acesso (entre participantes, objetos e ambientes) estão simultaneamente disponíveis para as partes. A seleção e compreensão dos dêiticos se baseiam na articulação simultânea de espaço, percepção, discurso, senso comum e conhecimento compartilhado, antecipação e a estrutura de participação na qual locutores e interlocutores se orientam um ao outro. Qualquer um desses fatores pode fornecer a base para a interpretação dêitica, de acordo com as exigências da estrutura de relevância contínua na qual ela é produzida.

5 CONCLUSÃO

O principal desafio para um pesquisador de campo que estuda dêixis é determinar como os falantes usam os dêiticos para construir objetos de referência. Quando um falante se refere a sua casa como “(do lado de) lá” em um enunciado e “logo aqui” em outro, ele individualiza o mesmo lugar, mas sob duas perspectivas diferentes. A primeira é estática e constrói a casa como espacialmente distante, mas já conhecida por ambas as partes. A segunda é dinâmica e antecipatória. Ela constrói a casa como o destino do falante agora em movimento. Essa distinção ilustra a sutileza potencial das oposições dêiticas em uso e a facilidade com que os falantes mudam suas perspectivas sobre um objeto.

O trabalho de campo sobre a dêixis tem necessariamente várias partes e requer um entendimento aguçado da fala comum, bem como das relações com as pessoas que se sentem confortáveis falando sobre sua língua. A gramática fornece um primeiro tipo de evidência. Em uma língua como o iucateque, a forma composicional dos dêiticos ajuda a estabelecer as oposições críticas. Essa é uma grande vantagem para os pragmaticistas, pois fornece conjuntos de contrastes cujo uso podemos, então, comparar. Por exemplo, os dêiticos ostensivos interagem sistematicamente com os marcadores de modalidade e evidencialidade, porque eles têm uma força evidencial altamente marcada. A oposição entre *hé'ela'* ‘aquí está (apresentativo tátil)’ e *hé'ebe'* ‘aí está (aponta para o som)’ corresponde a dois esquemas perceptivos e acionais diferentes. No “repertório de enunciados” da dêixis, encontramos um repositório pragmático organizado em torno das práticas de referência e tomada de posição no campo interativo.

Um segundo tipo de evidência se volta não para a gramática e as oposições em si, mas para as avaliações metalinguísticas dos falantes nativos sobre como as formas são utilizadas e compreendidas de modo normativo. Eu me concentrei na metalinguagem elicitada como método de campo, mas a metalinguagem também é autóctone ao uso comum em qualquer língua. Dada uma hipótese quanto às dimensões do contraste, cenários como os desenvolvidos por Wilkins (1999) podem revelar distinções bem detalhadas. Mas esses contrastes vão apenas até as dimensões manipuladas no cenário experimental. Para ir além disso, é muito útil inverter a elicitación, começando com as formas de citação dêitica e convidando os falantes a explicar como elas normalmente seriam usadas. Os cenários resultantes são um tesouro de evidências sobre como os falantes pensam sobre as dêixis e os cenários de conversa comum. Eles também nos levam mais longe na língua, assumindo que a elicitación é feita na língua nativa, e dão provas poderosas do que os falantes pensam ser típico. Frases ou formas de combinar formas que são meras possibilidades a partir de uma perspectiva gramatical podem se tornar padrão ou típicas a partir da perspectiva do uso comum. A evidência das avaliações dos falantes nativos de dêiticos é uma parte crítica de qualquer pragmática que procure se libertar de suposições recebidas, tais como a visão egocêntrica espacialista da dêixis.

O que a metalinguagem nativa não nos dirá é a variação completa de uso de qualquer forma ou de uma série de formas. Para isso, precisamos observar o uso comum, gravado com a precisão que as circunstâncias permitem, desde a gravação de vídeo e áudio até as anotações feitas no decorrer da interação. É inevitável que essa parte do trabalho de campo assumo o caráter de etnografia de observação participante. Uma questão é simplesmente quando as pessoas usam dêiticos e quando elas os evitam? Como eles são usados no discurso reportado em oposição ao uso direto? A dêixis se liga ao espaço, percepção, evidencialidade, postura e outros

aspectos do contexto da fala. Ela sempre estabelece uma ligação entre a fala e o ambiente mais amplo no qual a conversa está inserida. Assim, para entender como os dêiticos dividem o espaço, precisamos saber um bocado sobre o espaço social além da dêixis – por exemplo, como as residências, locais de trabalho, corpos e afins estão organizados. Para entender por que um falante maia se refere a um pássaro com *o'* quando ele estiver parado, mas *a'* quando ele está cantando, precisamos observar como os interagentes administram seu próprio foco de atenção e o de cada um dos outros. Formas de saudar, abrir e fechar a conversa, repreender as crianças e responder a perguntas – tudo isso lança luz sobre a dêixis, porque a dêixis responde sistematicamente a esses e outros aspectos do contexto. Tenho tentado sugerir que essa interação é sistemática, manejável ao trabalho de campo e de grande interesse para a pragmática.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Evidentiality*. London: Oxford University Press, 2004.
- BENVENISTE, É. Le langage et l'expérience humaine. *Problèmes de Linguistique Générale II*. Paris: Gallimard, 1974, p. 67–78.
- BICKEL, B. Spatial operations in deixis, cognition, and culture: where to orient oneself in Belhare. In: NUYTS, J., PEDERSON, E. (ed.). *Language and Conceptualization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 46–83.
- BOHNEMEYER, J.; STOLZ, C. Spatial reference in Yukatek Maya: A survey. *Grammars of space: Explorations in cognitive diversity*, 2006, p. 273-310.
- BÜHLER, K. *Theory of Language: The Representational Function of Language*. Amsterdam: John Benjamins, 1990 (Original German: Sprachtheorie, Fischer, Jena 1934).
- BURENHULT, N. Attention, accessibility, and the addressee: the case of the Jahai demonstrative ton. *Pragmatics*, v. 13, n. 3/4, p. 363-379, 2003.
- DIESEL, H. *Demonstratives: Form, Function, and Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- DUBOIS, J. The stance triangle. In: ENGLEBRETSON, R. (ed.). *Stancetaking in Discourse: Subjectivity, evaluation, interaction*. Amsterdam: Benjamins, 2007. p. 139-182.
- ENFIELD, N. J. The definition of WHAT-d'you-call-it: semantics and pragmatics of “recognitional deixis”. *Journal of Pragmatics*, v. 35, p. 101–117, 2003a.
- ENFIELD, N. J. Demonstratives in space and interaction: data from Lao speakers and implications for semantic analysis. *Language*, n. 79, p. 82-117, 2003b.
- ENFIELD, N.; STIVERS, T. (ed.). *Person Reference in Interaction: Linguistic, Cultural and Social Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- EVANS, G. *The Varieties of Reference*. Oxford: Oxford University Press, 1982.
- FILLMORE, C. *Lectures on deixis*. Center for the Study of Language and Information, Stanford, CA, 1997.
- GOFFMAN, E. *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*. Garden City, NY: Anchor Books, 1967.

- GOFFMAN, E. The neglected situation. In: GIGLIOLI, P.P. (ed.). *Language and Social Context: Selected Readings*. New York: Penguin, 1972. p. 61-66.
- GOFFMAN, Erving. Footing. *Semiotica*, v. 25, p. 1-29, 1983.
- GOODWIN, C.; GOODWIN, M. Assessments and the construction of context. In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (ed.). *Rethinking Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 147-190.
- GOODWIN, C. Gesture, aphasia and interaction. In: MCNEILL, D. (ed.). *Language and Gesture*. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 84-98.
- GOODWIN, C.; HERITAGE, J. Conversation analysis. *Annual Review of Anthropology*, n. 19, p. 283-307, 1990.
- HANKS, W. F. *Referential Practice: Language and Lived Space among the Maya*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- HANKS, W. F. The indexical ground of deictic reference. In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (ed.). *Rethinking Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- HANKS, W. F. Metalanguage and pragmatics of deixis. In: LUCY, J. (Ed.), *Reflexive Language: Reported Speech and Metapragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HANKS, W. F. Language form and communicative practices. In: GUMPERZ, J., LEVINSON, S. (ed.), *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 232-270.
- HANKS, W. F. Exemplary natives and what they know. In: COSENZA, G. (ed.). *Paul Grice's Heritage*. Turnhout: Brepols, 2002. p. 203-230.
- HANKS, W. F. Explorations in the deictic field. *Current Anthropology*, v. 46, p.191-220, 2005. Web enhanced: <http://www.journals.uchicago.edu/CA/home.html>
- HANKS, W. F. The evidential core of deixis in Yucatec Maya. In: GUENTCHEVA, Z.; LANDABURU, J. (ed.). *L'Enonciation Médiatisée II. Le Traitement épistémologique de l'information: illustrations amérindiennes et caucasiennes*. Louvain-Paris: Edition Peeters, 2007. p. 311-334.
- HAVILAND, J. B. Anchoring, iconicity and orientation in Guugu Yimithirr pointing gestures. *Journal of Linguistic Anthropology*, n. 3, p. 3-45, 1993.
- HAVILAND, J. B. Projections, transpositions, and relativity. In: GUMPERZ, J.; LEVINSON, S.C. (ed.). *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 271-323.
- HAVILAND, J. B. Pointing, gesture spaces and mental maps. In: MCNEILL, D. (ed.). *Language and Gesture: Window into Thought and Action*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 13-46.
- HIMMELMANN, N. P. Demonstratives in narrative discourse: a taxonomy of universal uses. In: Fox, B. (ed.). *Studies in Anaphora*. Amsterdam: John Benjamins, 1996, p. 205-254.
- IDE, S. The speaker's viewpoint and indexicality in a high context culture. In: KATAOKA, K., IDE, S. (ed.). *Toward the Integrated Study of Culture, Interaction and Language*. Tokyo: Hituzi Syobo, 2001. p. 3-20.

- IDE, S.; YOSHIDA, M. Sociolinguistics: honorifics and gender differences. *In: ISIYIMURA, N. (ed.). The Handbook of Japanese Linguistics*. Malden, MA: Blackwell Publishers, 1999. p. 444-480.
- JAKOBSON, R. Shifters, verbal categories, and the Russian verb. *In: Selected Writings of Roman Jakobson 2*. Mouton, The Hague, 1971. p. 130-147.
- KENDON, A. The negotiation of context in face to face interaction. *In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (ed.). Rethinking Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 323-334.
- KITA, S. *Pointing: Where Language, Culture and Cognition Meet*. Mahwah, NJ: Erlbaum Associates, 2003.
- LEVINSON, S. C. *Presumptive Meanings: The Theory of Generalized Conversational Implicatures*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- LEVINSON, S. C. Space in language and cognition: Explorations in cognitive diversity. *Series in Language, Culture and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MORRIS, C. *Signs, Language, and Behavior*. New York: George Braziller, 1946.
- OCHS, E. Indexing gender. *In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (ed.). Rethinking Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 335-358.
- OCHS, E.; SCHEGLOFF, E. A.; THOMPSON, S. *Interaction and Grammar*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- PEIRCE, C.S. Logic as semiotic: The theory of signs. *In: BUCHLER, J. (ed.). Philosophical Writings of Peirce*. New York: Dover Publications, 1955. p. 98-119.
- RUMSEY, A. Language, desire and the ontogenesis of intersubjectivity. *Language and Communication*, n. 23, p. 169-187, 2003.
- SCHEGLOFF, E. A. Between micro and macro: contexts and other connections. *In: ALEXANDER, J.C.; GIESEN, B.; MÜNCH, R.; SMELSER, N.J. (ed.). The Micro-Macro Link*. Berkeley: University of California Press, 1987. p. 207-234.
- SCHEGLOFF, E. A. Some practices for referring to persons in talk-in interaction: a partial sketch of a systematics. *In: FOX, B. (ed.). Studies in Anaphora*. Amsterdam: Benjamins, 1996. p. 437-486.
- SHANKER, S. What children know when they know what a name is: the non Cartesian view of language acquisition. *Current Anthropology*, n. 42, p. 481-513, 2001.
- SIDNELL, J. Primus inter pares: storytelling and male peer groups in an Indo-Guyanese rumshop. *American Ethnologist*, n. 27, 2000, p. 72-99, 2000.
- SIDNELL, J. Repairing person reference in a small Caribbean community. *In: ENFIELD, N.J.; STIVERS, T. (ed.). Person Reference in Interaction: Linguistic, Cultural and Social Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 281-308.
- SILVERSTEIN, M. Shifters, verbal categories and cultural description. *In: BASSO, K.; SELBY, H. (ed.). Meaning in Anthropology*. Albuquerque: School of American Research, 1976. p. 11-57.
- SENFT, G. Frames of spatial reference in Kilivila. *Studies in Language*, n. 25, p. 521-557, 2001.

SWEETSER, E.; FAUCONNIER, G. Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory. *In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (ed.). Spaces Worlds and Grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996. p. 1-28.

WILKINS, D. Demonstrative questionnaire: “THIS” and “THAT” in comparative perspective. *In: WILKINS, D.P. (ed.). Manual for the 1999 Field Season*. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, 1999. p. 1-24.

WILKINS, D. Review of Adam Kendon (2004) gesture: visible action as utterance. *Gesture* 6, p. 119-144, 2006.



Recebido em 01/09/2022. Aceito em 10/10/2022.